

A nossa Europa

Jacques Chirac

Presidente da República francesa

Tradução de Susana Gomes da Silva (a partir da versão original colocada no website da Presidência da República francesa).

Discurso proferido perante o Bundestag, em Berlim, a 27 de Junho de 2000

Senhor Presidente do Bundestag
Senhor Presidente Federal
Senhor Chanceler Federal
Senhoras e senhores deputados
e permitam-me saudar em particular
os deputados franceses aqui presentes

Obrigado, senhor Presidente, por este grande momento que nem eu nem os meus compatriotas esqueceremos. Obrigado por me terem convidado a expressar-me perante a representação alemã, aqui neste palácio que traz consigo a marca dos sofrimentos do vosso país, mas que hoje, resplandecente de luz, é a imagem da Alemanha moderna.

Durante meio século, como uma chaga aberta no meio de uma Berlim dividida, destruída, o Reichstag manteve-se como um símbolo da dor e da espera de todo um povo, como o símbolo de uma Europa dividida. E, naturalmente, quando a Alemanha se reencontrou e, na sequência desse facto, todo o nosso continente, a democracia alemã reinstalou-se neste local, religando os fios da História, fechando, por fim, o trágico parêntesis.

Tal como vós mesmos dissestes, eu sou um daqueles que sempre esperaram e sempre aguardaram o momento em que a Alemanha reencontraria a sua unidade e a sua capital.

E é manifesta a minha emoção por ser o primeiro chefe de Estado estrangeiro a dirigir-se, desta tribuna, a toda a Alemanha! A Alemanha nossa vizinha, nosso adversário do passado, nosso companheiro presente! A Alemanha unida! A Alemanha em sua própria casa!

Penso hoje em todas aquelas e em todos aqueles que permitiram que o sonho de gerações de alemães se tornasse realidade. Nesses homens de convicção e de visão que ajudaram o seu povo a acreditar no seu futuro. Aquelas e aqueles que deram à República Federal, na cidade nas margens do Reno que a acolheu, as suas instituições e os seus valores. Aquelas e aqueles que reergueram o seu país das ruínas, que reconstruíram e deram ao mundo, à custa de tesouros de inteligência, de trabalho, de sacrifício, o testemunho de um extraordinário êxito. Aquelas e aqueles que devolveram à Alemanha o seu lugar na primeira linha das nações do mundo.

E penso em primeiro lugar nos estadistas que, tanto entre vós como entre nós, arquitectaram a histórica conciliação da Alemanha e da França. De que audácia e de que coragem precisaram para poderem falar entre eles a linguagem da confiança e da cooperação, mesmo no rescaldo da guerra. O prodígio consiste também no facto de, em cada etapa essencial, os nossos dois países terem encontrado os homens para consolidar a aproximação e chegar, hoje, ainda mais longe.

No início foram Konrad Adenauer e o General De Gaulle quem soube responder ao encontro da história e abrir, eu diria mesmo forçar, o caminho que hoje percorremos juntos.

Penso, sobretudo, em Willy Brandt e em Georges Pompidou.

Penso também em Helmut Schmidt e em Valérie Giscard d'Estaing que fizeram crescer a solidariedade franco-alemã ajudando a Europa a ultrapassar novas etapas.

E, por fim, gostaria de saudar Helmut Kohl e dizer-lhe que a obra imensa que ele construiu com François Mitterrand para reforçar a coesão e a identidade europeias fica gravada na memória dos franceses e dos europeus.

Há cerca de quarenta anos, numa visita à República Federal Alemã, o General De Gaulle evocou a amizade franco-alemã e declarou: «Foi para agirmos juntos que abraçámos a nossa reaproximação e, depois, a nossa União, um dos acontecimentos mais extraordinários de toda a história. A União, para que haja no Velho Continente uma mole cujo poderio, prosperidade e autoridade igualem as dos Estados Unidos. A União, ainda, para que, chegado o momento, a Europa possa estabelecer o seu equilíbrio, a sua paz, o seu desenvolvimento. A União, enfim – acrescentava ele –, e talvez sobretudo, por causa da imensa tarefa de progresso humano que se impõe ao mundo, e que, dada a conjunção de valores da Europa e, em primeiro lugar, dos nossos, pode e deve ser o elemento mais importante».

Senhoras e senhores, decorreram quarenta anos. Amplamente realizada, a ambição permanece.

A prosperidade em primeiro lugar. A União Europeia é hoje a primeira potência económica e comercial do mundo. É um gigante da investigação e da inovação. A cooperação, a concorrência estimulante e a sinergia franco-alemãs têm sido nela um dos motores mais potentes. Hoje, no momento em que se constituem grupos de grande porte que levam a melhor na grande competição mundial, alemães e franceses viram-se, naturalmente, uns para os outros.

Dobrámos uma etapa histórica com a adopção do Euro, um projecto levado a cabo, desde a sua origem, pela dupla franco-alemã e que constitui um êxito. Com o Euro consagramos a unificação do grande mercado europeu e dotámo-nos de um fabuloso acelerador das trocas. Aprofundámos no espírito dos nossos concidadãos o sentimento de pertença a uma mesma unidade económica e, para além dela, política e humana. Os europeus têm, doravante, a sua moeda.

E a seguir, o equilíbrio, a paz, o desenvolvimento de todo o continente. O principal testemunho do sucesso da construção europeia foi, sem dúvida, esta força de atracção formidável exercida sobre estes europeus separados de nós por tanto tempo. O brilhante êxito da Europa tornou os regimes totalitários ainda mais absurdos e mais insuportáveis de manter às suas portas e, neste sentido, também a divisão do nosso continente e da Alemanha. Toda a Europa se recorda dessas horas mágicas em que, derrubando o Muro

da Vergonha, berlinenses de Leste e do Ocidente se reuniram, lançando aos povos oprimidos o grito da liberdade.

A Europa, enfim, militante e atriz do progresso no mundo. Aquilo que reuniu a Alemanha e a França e os seus parceiros foi, claro está, a aspiração profunda dos seus respectivos povos à paz. Mas foi também, e possivelmente antes de mais, uma determinada ideia do Homem que deu ao projecto europeu o seu horizonte de liberdade, de dignidade, de tolerância, de democracia. É por isso que a pertença à União equivale a uma adesão sem reservas aos ideais e valores que a fundam.

Para além das suas fronteiras, a União Europeia faz ouvir a sua voz. Clama por uma organização internacional das trocas mais equilibrada, atenta ao bem-estar dos indivíduos e respeitadora da diversidade cultural do mundo. Clama por uma verdadeira solidariedade entre países ricos e países pobres e dá o exemplo por uma política activa de ajuda ao desenvolvimento. Clama, ainda, e age em conformidade com isso, a favor da paz e pelo fim da barbárie.

Penso, é claro, no nosso envolvimento conjunto na Bósnia e no Kosovo, acção que demonstra bem o significado profundo, tanto para vós como para nós, do nosso projecto europeu. Esta exigência ética que nos une e que justifica aos nossos olhos que a Europa, dentro do respeito pelas suas alianças, se dote daqui por diante dos meios para a prossecução da sua política externa e de segurança.

Aqui, no Bundestag, quero saudar a decisão histórica dos alemães que, pela primeira vez depois de meio século, aceitaram o envio de soldados para um palco de operações além-fronteiras. Fizeram-no em nome do respeito pela dignidade de cada homem. A França deseja ver reconhecidos o envolvimento da Alemanha, o seu papel de grande potência mundial e a sua influência internacional, por um lugar de membro permanente do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas!

Senhoras e senhores, dentro de três dias a França assumirá a presidência da União Europeia. Ela terá a responsabilidade de levar a bom termo decisões que respeitam ao futuro. Penso sobretudo na primeira delas: a reforma, absolutamente vital, das nossas instituições comuns, reforma que sei que levaremos a cabo com o apoio dos nossos parceiros alemães.

Esta deverá fazer progredir sectores importantes. O da defesa europeia, por exemplo. Esperamos fazê-lo superar novas etapas, à semelhança dos consideráveis progressos conseguidos no espaço de poucos meses sob a presidência alemã.

Também queremos uma Europa mais próxima dos cidadãos. Todos deverão poder medir os benefícios da nossa União na sua vida diária. Ainda que, hoje em dia, muitos europeus, é certo, a considerem um pouco abstracta, demasiado afastada das suas verdadeiras preocupações: o crescimento, o emprego e a formação, a justiça e a segurança, a luta contra o tráfico de droga e contra as vagas de imigração clandestina, o ambiente e a saúde, e poderíamos citar muitas outras. O próximo semestre deverá permitir-nos avançar em todos estes domínios.

Mas, para além destas metas imediatas, a responsabilidade que nos compete a nós, membros fundadores, é a de permanentemente colocar a questão do sentido e do futuro da Europa. De nunca deixar esmorecer a nossa vontade. Felicito o espírito profundamente europeu que aqui presidiu recentemente ao relançamento de um debate em que o que está em jogo são questões existenciais, no verdadeiro sentido da palavra. Um debate que envolve as nossas nações e os nossos povos, a sua história e a sua identidade, e que toca

inclusive na organização das nossas sociedades, na vontade e capacidade dos europeus para chegar mais longe dentro da União. Não são coisas sem importância! É um dos momentos em que é preciso saber correr riscos. Sair dos trilhos já batidos. A demanda da grande aventura comunitária tem este preço.

E gostaria, aqui, em Berlim, de iluminar o caminho. Transmitir-vos parte das minhas convicções. Abrir perspectivas convosco.

A minha primeira convicção é que o alargamento da União Europeia é uma grande ambição legítima e necessária. Está em marcha e será difícil tanto para os países candidatos como para os Estados-membros. E, apesar disso, amanhã seremos trinta ou mais representantes em Bruxelas, em Estrasburgo, no Luxemburgo.

É um feito! Pela paz e pela democracia consolidadas no nosso continente e que conferem todo o sentido à nossa aventura comum. Pelos países candidatos, sustentados no seu combate pela liberdade pela esperança de se reunirem a nós. Pela própria União, que será mais forte política e economicamente.

Mas, por este motivo, a exigência é clara. O alargamento não será uma fuga para a frente. Não deixaremos desfazer-se o projecto europeu ao qual, vós e nós, juntamente com os nossos parceiros, consagramos tanta vontade e tanta energia ao longo de meio século. E que, em contrapartida, nos deu tanto. Não apenas a paz, mas também o êxito económico e, conseqüentemente, o progresso social. Que provou ter sido, para todos nós, um espantoso multiplicador de poder. A nossa União já não será a mesma amanhã. E, no entanto, não conhecerá nem esmorecimento nem dará passos atrás. A nossa responsabilidade é velar por ela.

Outra das minhas convicções é a de que o ritmo de construção europeia não se estabelece por decreto. Este resulta, em grande parte, dos progressos entre os nossos povos, do sentimento de identidade e de pertença europeias, da sua «vontade de viver juntos» numa comunidade solidária. E estou confiante, pois este sentimento é cada vez mais forte, sobretudo entre as camadas mais jovens.

E, por fim, creio ser necessário esclarecer o debate sobre a natureza da União. Dizer que de um lado estão os que defendem a soberania nacional e do outro os que a desbaratam é distorcer a verdade. Nem vós, nem nós visamos a criação de um super-Estado europeu que substituiria os Estados nacionais e marcaria o fim da sua existência como actores da vida internacional.

As nossas nações são a fonte das nossas identidades e das nossas raízes. A diversidade das suas tradições políticas, culturais, linguísticas é uma das forças da nossa União. Nos tempos que virão, as nações permanecerão as referências primordiais.

Considerar a sua extinção seria tão absurdo como negar que elas escolheram já exercer em comum uma parte da sua soberania e que o continuarão a fazer, já que esse é o seu próprio interesse. Sim, o Banco Central Europeu, o Tribunal da Justiça do Luxemburgo ou o voto da maioria qualificada são elementos de uma soberania comum. E é assim, aceitando estas soberanias comuns, que adquiriremos um novo poder e um esplendor acrescido. Por isso, por favor, renunciemos aos anátemas e às simplificações, e convenhamos, enfim, que as instituições da União são, e permanecerão, originais e específicas!

Mas reconheçamos também que elas são aperfeiçoáveis e que o futuro grande alargamento deve constituir a ocasião para aprofundar a reflexão institucional para além

da Conferência Intergovernamental. Segundo esta perspectiva, desejo que nos possamos entender no que diz respeito a vários princípios.

Em primeiro lugar, tornar mais democrática a União Europeia. A construção comunitária tem sido excessivamente um trabalho dos seus dirigentes e das elites. Já é tempo dos nossos povos se tornarem os soberanos da Europa. É preciso que a democracia na Europa viva melhor, especialmente através do Parlamento europeu e dos parlamentos nacionais.

E em seguida, clarificar, sem a imobilizar, a repartição das competências entre os diferentes níveis do sistema europeu. Definir quem faz o quê na Europa com o cuidado de levar as respostas ao melhor nível, o mais próximo possível dos problemas. Em suma, aplicar finalmente o princípio da subsidiariedade.

Também devemos velar por que, na Europa ampliada, se mantenha a capacidade de impulsão. É preciso poder abrir novas vias incessantemente. Para isso, e tal como temos feito no passado, é preciso que os países que pretendem ir mais além na integração, de forma voluntária e segundo projectos específicos, possam fazê-lo sem que aqueles que não desejem avançar tão rapidamente (e este é também um direito seu) os entrem no seu caminho.

Por fim, a Europa-potência, a que chamamos a Europa dos nossos desejos, essa Europa forte na cena internacional, deverá dispor de instituições fortes e de um mecanismo de decisão eficaz e legítimo, ou seja, dando lugar ao voto maioritário e reflectindo o peso relativo dos Estados-membros.

São estas, senhoras e senhores, as grandes orientações pelas quais, creio eu, se deverá reger o processo de refundação institucional da União. O rosto da futura Europa está ainda por delinear. Dependerá do debate e da negociação. E, claro está, da vontade dos nossos povos, sobretudo. Mas podemos desde já traçar o caminho.

A primeira etapa, incontornável, é o triunfo, sob a presidência francesa, da Conferência Intergovernamental. Não subestimemos a importância desta conferência. Os quatro pontos essenciais da sua ordem do dia, incluindo o desenvolvimento de procedimentos de cooperação reforçada, permitirão adaptar os mecanismos de decisão da União à sua composição futura. O êxito da cig é um pré-requisito indispensável a todo e qualquer progresso. Neste sentido, nem vós nem nós nos poderíamos satisfazer com um acordo nivelado pelos objectivos mínimos, eu diria mesmo com um acordo desvalorizado, que conduziria a União à paralisia para os anos vindouros!

Após a Conferência Intergovernamental, por volta do fim do ano, abrir-se-á um período que qualificarei de «grande transição», no fim do qual será necessário estabilizar a União dentro das suas fronteiras e das suas instituições. Deveremos, durante este período, conduzir em simultâneo três grandes tarefas.

Naturalmente, a do alargamento. Três anos não serão demasiado tempo para a conclusão das negociações de adesão e para assegurar a integração bem sucedida dos novos Estados-membros.

É também a do aprofundamento das políticas a partir da iniciativa desses países que evoquei anteriormente e que desejam ir mais longe ou mais rapidamente. Equiparados à França ou à Alemanha, poder-se-ão constituir como «grupo pioneiro». Um grupo que abriria a via apoiando-se no novo procedimento de cooperação reforçada definida pela cig e estabelecendo, se necessário, cooperações fora do Tratado, sem, no entanto, jamais pôr em causa a coerência e os dados adquiridos da União.

É desta forma, naturalmente, que arrancará a composição do «grupo pioneiro». Não apenas sobre uma base arbitrária mas pela vontade dos países que decidirão participar no conjunto das cooperações reforçadas. Desejo, por isso, que, a partir do ano que vem, o «grupo pioneiro» se possa associar, especialmente, a uma melhor coordenação das políticas económicas, a um reforço da política de defesa e de segurança e a uma maior eficácia na luta contra a criminalidade.

Será necessário que estes Estados contraiam entre eles um novo tratado e se dotem de instituições sofisticadas? Não creio. Sejam conscientes de que isso seria acrescentar um nível suplementar a uma Europa que já possui muitos! E evitemos congelar as divisões da Europa quando o nosso objectivo é preservar uma capacidade de impulsão. Será necessário, ainda, encarar a necessidade de um mecanismo ágil de coordenação, um secretariado encarregado de velar pela coerência das posições e das políticas dos membros deste grupo pioneiro. Grupo que deveria permanecer naturalmente aberto a todos aqueles que desejem unir-se a ele.

Desta forma, a Europa, neste período de transição, continuará a avançar, organizando-se, ao mesmo tempo, a preparação da refundação institucional.

Com efeito, e é a nossa terceira tarefa, eu proponho que, a partir da Cimeira de Nice, lancemos um processo que nos permita, para lá da cig, responder às outras questões institucionais que se colocam à Europa.

Em primeiro lugar, reorganizar os Tratados de forma a tornar a apresentação mais coerente e mais compreensível para os cidadãos. Seguidamente, definir, de forma clara, a repartição – o senhor mesmo o salientou, Ex.mo Senhor Presidente, e tinha razão – das competências entre os diversos níveis da Europa. Poderíamos igualmente reflectir, no contexto deste processo, sobre as últimas fronteiras geográficas da União; precisar a natureza da Carta de Direitos Fundamentais, que, espero, será adoptada em Nice; e, por fim, fazer os ajustes institucionais necessários, tanto por parte do Executivo como do Parlamento, para o reforço da eficácia e controlo democráticos da nossa União.

Esta reflexão preparatória deverá ser conduzida de forma aberta, associando os governos e os cidadãos, através dos seus representantes no Parlamento europeu e nos parlamentos nacionais. Os países candidatos deverão, naturalmente, tomar também parte nesse processo. Do Comité de Sábios a um modelo inspirado pela Convenção que redige a nossa Carta de Direitos Fundamentais, muitas fórmulas poderão ser consideradas.

E, como resultado desses trabalhos, que levarão, sem dúvida, algum tempo, os governos, e posteriormente os povos, serão chamados a pronunciar-se sobre um texto que poderemos então consagrar como a primeira «Constituição europeia».

Mas para que a construção europeia avance é antes de mais a amizade franco-alemã que devemos aprofundar incessantemente.

As nossas cooperações tão numerosas, tão familiares, a estreita concertação política das nossas instituições a todos os níveis, o diálogo enriquecedor das nossas culturas, os intercâmbios entre jovens em prol das nossas muitas geminações e das nossas aprendizagens linguísticas, teceram um elo único, irreversível e insubstituível.

Há mais de meio século que trabalhamos de mãos dadas. Entre nós a reconciliação é um dado adquirido. Ela é uma evidência. Uma realidade da vida quotidiana tão normalmente inscrita na nossa paisagem que já não nos apercebemos da sua verdadeira dimensão. E a nova geração nos postos de comando recebe-a como uma herança depois de a ter aprendido nos livros, sem experimentar a mesma carga emocional de outros tempos.

Reencontremos, então, o alento, o ímpeto fundador! A ardente necessidade do nosso diálogo! Concedamo-nos os espaços para nos conhecermos e emprendermos juntos!

E foi isso que observei desde ontem, nas ruas de Berlim, ao constatar quantos alemães, com um sorriso, faziam um gesto espontâneo de amizade em nossa direcção, o gesto do coração que não se encontra frequentemente nas viagens oficiais, e que muito me tocou.

Tantos traços comuns, tantos motivos para prestarmos mais atenção uns aos outros! Se todos temos as nossas tradições, a nossa história e as nossas qualidades próprias, que explicam, sem dúvida, as formas de organização que escolhemos; se a Alemanha se encontra à vontade no seu federalismo, que permite uma participação activa e viva dos cidadãos em todos os níveis da vida política; e se a França soube conservar, modernizando-a, a sua tradição unitária, que contribui para a coesão da comunidade nacional, os desafios que devemos enfrentar na actualidade são os mesmos. Chamam-se crescimento económico e competitividade, mudança do nosso sistema educativo, defesa do emprego, adaptação dos nossos regimes sociais à evolução demográfica, modernização e controlo dos sistemas de saúde, de segurança, do ambiente e da imigração. Bastaria percorrer a ordem do dia das vossas sessões parlamentares e das nossas e acompanhar em paralelo os debates que hoje apaixonam os nossos países, para termos a noção exacta do íntimo parentesco dos nossos problemas e das expectativas dos nossos povos.

Falta-nos agora, creio eu, aquele lugar privilegiado onde os responsáveis políticos, económicos, sindicais, associativos, os representantes dos meios de comunicação de massas e as personalidades do mundo da cultura se possam encontrar facilmente. Um lugar onde a Alemanha e a França, em evolução, com os seus debates, as suas interrogações e aspirações se encontrassem em todos os seus componentes. Proponho que eles se reúnam todos os anos numa conferência germano-francesa. Seria o grande encontro dos nossos países, no qual alemães e franceses abraçariam juntos o futuro.

O mundo da economia conheceu progressos espectaculares nestes últimos meses. As nossas grandes empresas estabeleceram os laços de novas e fortes solidariedades nos domínios chave da aeronáutica, da química, da energia, da segurança e dos serviços. Ontem à noite o Chanceler Schröder e eu próprio encontrámo-nos com os dirigentes dessas empresas.

Penso que a nossa prioridade deve ser encorajar mais ainda esta forte dinâmica de integração entre os nossos potenciais económicos, e fazer deste tandem o motor de um poderoso pólo industrial europeu. E faço aqui um apelo aos nossos círculos económicos, com o apoio dos nossos dois governos, naturalmente, para que criem uma fundação através da qual dirigentes e quadros de empresas, alemães e franceses, se possam encontrar e conhecer melhor – e é, talvez, esse aspecto que nos faz mais falta – a cultura empresarial vigente no outro país.

Este espírito de parceria deve ser desenvolvido também nas disciplinas do espírito. Felicito a qualidade e a importância do diálogo entre os nossos pensadores, os nossos artistas. Mas estou convencido de que poderemos fazê-lo crescer em intensidade, em solidariedade, também no momento em que devemos travar juntos a grande batalha pela diversidade cultural no mundo.

Por sua iniciativa, senhor Chanceler, temos, a partir de agora, a nossa academia franco-alemã do cinema, cuja primeira sessão teve lugar ontem, com a nossa presença. Dentro

do mesmo espírito, demos início a uma reflexão comum sobre o futuro do livro e sobre a evolução dos meios de comunicação de massas.

Devolvamos aos nossos artistas, aos nossos escritores, o gosto e os meios de compor e de criar, no outro país, reatando, assim, a prestigiosa tradição europeia da viagem e da imersão cultural. Proponho a criação de um lugar, em Berlim, à imagem do que já existe em Roma e em Madrid, onde os nossos criadores que desejarem procurar a inspiração nesta cidade em plena renovação, sejam acolhidos e encontrem as condições propícias à reflexão.

Devemos cultivar este espírito de diálogo entre os nossos povos, favorecendo a aprendizagem de ambas as línguas. Ao saudar os membros do Bundesrat aqui presentes, gostaria de felicitar muito em especial as autoridades dos Länder que se empenharam com determinação neste sentido e que tomaram decisões exemplares. Pela nossa parte, velaremos para que a língua alemã preserve o seu estatuto de excelência e a sua posição de destaque entre as principais línguas vivas estrangeiras ensinadas.

Proponho, enfim, que, juntos, neste ano simbólico levemos a cabo um gesto significativo no que se refere à nossa juventude, convidando dois mil dos nossos estudantes das escolas e dos liceus a concluir o primeiro ano de aprendizagem linguística com uma estada de descoberta do país, das tradições, da cultura e do povo cuja língua escolheram.

Sr. Presidente do Bundestag

Sr. Presidente Federal

Sr. Chanceler Federal

Senhoras e senhores deputados

O que a Alemanha e a França experimentaram e atravessaram ao longo da história não tem paralelo. Os nossos países compreendem melhor do que nenhuma outra nação o sentido profundo da paz e do projecto europeu. Só eles, ao forçar o curso dos acontecimentos, poderiam lançar o sinal da reunião na Europa. Juntos, ao ritmo das suas descobertas e da vontade dos seus povos, os nossos países fizeram progredir a ideia europeia. Só eles podem esboçar os gestos que levarão a Europa mais longe, nas suas ambições e nas suas fronteiras, tal como nos seus corações. Eles farão da União este grande espaço de paz, de direitos e de liberdades, este lar do espírito digno da sua herança, esta terra onde os nossos cidadãos gostarão de viver, que gostarão de cultivar e de fazer resplandecer juntos.

Viva a Alemanha!

Viva a França!

E viva a União Europeia!